

COTIDIANO E SOBREVIVÊNCIA: SOLDADOS E MARINHEIROS NA GUERRA DO PARAGUAI

MARIA TERESA GARRITANO DOURADO*

RESUMO: A longa duração da Guerra do Paraguai (1864-1870), analisada através de corpus documental expõe de maneira brutal o tratamento dado aos soldados e demais participantes que lutavam não contra o inimigo comum paraguaio e sim pela sobrevivência nos campos de batalha: sem água e alimentos suficientes e adequados, sem instrumental médico-cirúrgico preparado para enfrentar as grandes batalhas que produziam milhares de feridos. Na capital do Império do Brasil e em outros portos das duas capitais aliadas como Buenos Aires e Montevidéu soldados recém-convocados, feridos e doentes transitavam sem qualquer orientação sobre cuidados sanitários e vacinação, disseminando, dessa forma, doenças muitas delas incubadas, que logo seriam transmitidas a milhares de outros soldados e civis nos campos de batalha e nas cidades para onde eram levados para tratamento. A concentração de grande massa de combatentes e não combatentes de um acampamento militar exigiu a necessidade de garantir a ordem e a disciplina. As deserções, os atos de covardia e de insubordinação, os homicídios, as brigas, os roubos, os atentados contra a propriedade, as violações e outros delitos estavam longe de serem raros, muito pelo contrário, eram bastante frequentes e constam numa profusa documentação. Analiso, além da fome e das epidemias, o funcionamento da Justiça Militar em acampamentos dos exércitos e em navios do Império do Brasil onde se viviam sob indispensáveis regras disciplinares, muitas vezes quebradas, privilegiando fontes como memória de combatentes (oficiais e praças) e ordens do dia, entre muitas outras, em arquivos públicos e particulares. Investigo a origem dos batalhões de soldados e marinheiros destinados aos campos de batalhas, bem como o seu recrutamento e estratégias de resistência.

*Doutora em História Social pela FFLCH/USP, bolsista DCR/FUNDECT/CNPQ/UFGD, autora do livro “Mulheres comuns, senhoras respeitáveis: a presença feminina na Guerra do Paraguai.”

Procuro demonstrar que as penalidades eram resultantes diretas da fome e das doenças que grassavam nos acampamentos do exército e nos navios da esquadra imperial, interferindo, de maneira crucial, nos resultados da guerra.

PALAVRAS-CHAVE: guerra, doenças, fome, crimes e punições.

ABSTRACT: The long duration of the War of Paraguay (1864-1870) is analyzed through a body of documented works that brutally expresses the treatment of soldiers and other participants in the war. These people struggled not against a common enemy, but for survival on the battlefields. They faced shortages of water and food as well as the necessary medical-surgical supplies to support the thousands of wounded from the ferocious battles. In the capital of the Brazilian Empire as well as in the two allied capital cities of Buenos Aires and Montevideo, recently conscripted soldiers, the wounded and the sick, passed without any orientation regarding sanitation or vaccination. As a result, diseases, many of them in various stages of incubation, were transmitted to thousands of other soldiers and civilians, on the battlefields and in the cities where some were brought for treatment. A concentrated mass of combatants and support personnel in any military camp requires order and discipline. However, desertion, cowardice, insubordination, murder, fights, robbery, assaults, violations and other crimes were frequent and profusely documented. I analyze not only the hunger and epidemics, but the function of Military Justice during the War of Paraguay in a Brazilian army camp and in ships of Brazilian Empire where the necessary disciplinary rules were often disregarded, according to sources such as the memoirs of combatants (both officers and conscripts) and in daily order records in public and private archives. I investigate the origins of the battalions of soldiers and sailors destined for the battlefields as well as the recruiting efforts and strategies for resistance. I strive to demonstrate that the direct penalties were the hunger and the illness that flourished in the army camps and on the imperial naval ships thus affecting, in a crucial manner, the outcome of the war.

KEY-WORDS: war, illness, hunger, crime and punishment.

Na Guerra do Paraguai (1864-1870) os acampamentos militares em que se instalaram o Exército Brasileiro, geralmente próximo aos ocupados pelos aliados argentinos e uruguaios, se tornaram o habitat de milhares de homens e mulheres de distintas classes sociais, profissionais, igualados pelas privações, pelos

padecimentos da guerra e obrigados a se acostumar com a vida áspera e rude da Campanha. Nos exércitos da época era um hábito que as famílias dos soldados, crianças, simples companheiras ou legítimas esposas, além de prostitutas, comerciantes e aventureiras civis, acompanhassem as tropas que marchavam para a guerra. (DOURADO, 2004: 38-41). Tratava-se de simples acampamentos, barracas e muitas vezes choupanas cobertas de capim, onde as tropas passavam dias, meses e até anos, às vezes tendo como abrigo somente capotes, chapéus e a sombra das árvores. Viviam sob indispensáveis regras disciplinares, muitas vezes quebradas, sob as quais se desenvolviam uma vida complexa e variada.

A abordagem dada aos inúmeros problemas enfrentados, como, por exemplo, a fome, é cabal quando procura recuperar uma parte do cotidiano, possibilitando as desejáveis articulações entre História e outras áreas florescentes. “Quase que estou com as tres pragas: peste, fome e guerra,” analisando a carta do imperial marinhaeiro Francisco Manuel Barroso da Silva, datada de 6 de julho de 1865, provavelmente para sua esposa, já que inicia com *my dear*, verifica-se uma parte do difícil cotidiano da Guerra do Paraguai e que expõe de maneira muito veemente todas as agruras que os soldados estavam passando durante esse período. (SILVA, 1865:14). Bastante reveladora é a ordem das três *pragas* que ele colocou, inicialmente e, portanto, considerando de maior importância: *peste e fome* e por último a *guerra*. A carta é um relato desesperado de um combatente que não reclamou dos inimigos e nem das batalhas, mas das condições propiciadas pelo Governo Imperial aos seus soldados, tratados com negligência e que se tornaram objetos de preocupação para muitos historiadores interessados em desvendar algumas lacunas ainda existentes na historiografia da Guerra do Paraguai.

De fato, o Arquivo da Marinha (RJ), em especial o Arquivo do Almirante Tamandaré, elucidativo e explícito em vários aspectos, abrange 17 livros de registros, com centenas de documentos e anexos. Riquíssimo em informações sobre a Guerra do Paraguai proporciona uma pesquisa documental criteriosa, constando em sua maior parte de ofícios pedindo alimentos, armamentos, uniformes, carvão (usado como combustível) e medidas médicas

e sanitárias para socorrer os doentes e feridos. Documentos como ordens do dia, cartas, ofícios e correspondências oficiais e particulares, entre outros, é encontrada também na História do General Osorio, de Joaquim Luis Osorio e Fernando Luis Osorio (filho) servindo de base para elucidar muitas interrogações e fatos desconhecidos da maioria da população dos quatro países envolvidos.

Algo que chama a atenção é o modo veemente e desesperado das escritas, sempre alertando para o fato de que o orçamento vigente não comportava o acréscimo de despesas, fato que perdurou pelos cinco anos que durou a guerra, com descrições aflitivas pedindo providências urgentes e necessárias para amenizar o sofrimento de milhares de soldados que não tinham como foco central o inimigo paraguaio e sim como sobreviver nos campos de batalha. A leitura desses documentos é muito mais fecunda e completa, quando confrontada com outros em arquivos espalhados pelo Brasil e exterior. Eles tornam visíveis soldados anônimos que ficaram escondidos pelo tempo, pelo descaso e pelo preconceito, apesar de serem fundamentais para o destino da guerra, mas que nunca aparecem nos livros de História. Dos mesmos livros que contam as histórias dos chamados homens de guerra, chefes militares como os Generais Caxias, Osório, Porto Alegre, Polidoro, Pelotas, dos grandes almirantes como Tamandaré e de muitos outros comandantes que são registrados como vencedores das grandes batalhas. Os mesmos soldados, que apesar de serem considerados social e hierarquicamente *inferiores*, foram capazes de construir sua própria História, pois eram atores históricos e a identidade brasileira não foi estruturada apenas por generais; os soldados desempenharam um papel fundamental nesse processo, tanto na Guerra do Paraguai, como em muitas outras ao longo da História do Brasil. São milhares de soldados e suas acompanhantes, de soldados brasileiros, argentinos, uruguaios e paraguaios, todos silenciosos, cujos sacrifícios não foram celebrados e fazem parte de uma categoria quase invisível da população. Desenvolve-se outra leitura, um novo olhar para esse drama sul-americano, e que, de certo modo, tem sido negligenciado através dos séculos.

Essa constatação estimulou a investigação sobre soldados e marinheiros, quem eram eles, sua alimentação, as doenças, o serviço de saúde, a disciplina, seus papéis, as relações entre eles nos momentos de trégua, bem como a forma com que foram tratados pelo Exército e pela Marinha. É, pois, um dos objetivos desse artigo explorar o mundo do guerreiro, a maioria com 17 a 20 anos de idade, levados para os campos de batalha, morrendo aos milhares e onde sofreram todos os tipos de privações, mesmo depois de seu final em 1870. (GOMES, 2006: 132).

Obrigados a reagir a essa situação de penúria, os soldados agiam e dedicavam-se comumente ao roubo e ao saque de companheiros, do inimigo, de oficiais e de depósitos militares, para não perecerem de fome e na miséria. A fome, em vários períodos durante a guerra, e em todos os exércitos envolvidos, castigou duramente os acampamentos e embarcações militares improvisados, provocando deserções e contribuindo para as delimitações físicas dos soldados e conseqüentemente o aparecimento de doenças, algumas desconhecidas até então. É preciso ressaltar que muitos combatentes já chegavam aos campos de batalha fracos e doentes. A fome ajuda a compor o pano de fundo essencial para a compreensão da experiência do soldado, mas percebe-se que essa evidência não pode ser toda a História que se propõe contar, pois ela está entrelaçada com outras histórias também fundamentais para se entender o cotidiano de uma zona de guerra. Assuntos que, ao longo dos séculos, foram ignorados ou desenvolvidos de maneira muito superficial nos estudos sobre o conflito, encarado pelo viés nacionalista com acentuados exageros.

Um dos mais impressionantes, significativos e completos relatos encontrados durante a pesquisa sobre o tema fome, foi escrito por Alfredo D'Escagnolle Taunay, uma de suas obras mestras, *A Retirada da Laguna*, tem cunho memorialista e um rigor geográfico obsessivo, sendo, hoje, considerada leitura obrigatória para pesquisadores que se dedicam ao tema. Narrativa romanceada elaborada em forma de relatório militar, na qual prevaleceram atos de bravura e heroísmo, onde são descritas as agruras de uma expedição brasileira e sua luta contra o inimigo

guarani, na região fronteira entre Mato Grosso e o Paraguai. De todas as memórias disponíveis, Taunay é quem relata melhor esse tema e com uma grande riqueza de detalhes. A expedição não suportou nem dois meses de luta contra os inimigos paraguaios, o frio, a fome devido à falta de um serviço regular de abastecimento, dificultado pela inexistência de estradas, a perseguição dos paraguaios, as queimadas provocadas e o ataque de um inimigo muito mais cruel: a cólera.

Quando não chegavam as provisões, os soldados tinham que se alimentar com os recursos locais, isto é, utilizando-se quase exclusivamente de frutos silvestres, que os rodeavam: bacuri, murici e o fruto vagem jatobá. Deste último, Taunay relatou, “diante de sua abundância no local, eram feitas colheitas em enormes sacos, sendo depois distribuídos pelas autoridades militares como rações determinadas por lei [...]” (TAUNAY, 1946: 208). O historiador militar General Tasso Fragoso, diferentemente da maioria dos que escreveram sobre essa expedição, preocupados em construir heróis, fez uma crítica bastante enérgica e narrou que foi uma “operação militar desvaliosa, célebre apenas por ter se caracterizado pela falta de comida [...]” (SOUZA, 1971: 97).

O que chamou atenção durante a análise desses documentos foi a maneira como os soldados combatiam os maiores problemas do dia a dia e as soluções encontradas por eles em território não cultivado e com escassa população. Em vários documentos, pode-se perceber como os soldados, por artifícios individuais, burlavam as carências, mortos de fome, “lançando mão de burros e até de cães.” (TAUNAY, 1958: 205). Exaustos, alimentavam-se do que encontravam na natureza, como frutas agrestes e, numa situação desesperadora, consumiram mandioca brava, o que em alguns casos provocou várias mortes por envenenamento, “depois de muitos vômitos e sofrimentos.” (TAUNAY, 1958: 83). Várias vezes conseguiam alimentos roubando o inimigo, como certa vez, dois soldados, penetrando no acampamento paraguaio, sabendo de uma pequena roça de melancia, colheram as frutas e sob fogo cerrado voltaram ao acampamento, “por uma melancia, arriscar a vida! [...] Que desprendimento brutal!” (SILVA, 1924: 53). Quando procurava alimentos, o Exército precisava se dispersar,

diluindo assim seu poder de luta e defesa e, de qualquer forma, logo consumia tudo em sua área de operação, incluindo os animais de montaria e transporte, que acabavam com os raros pastos com maior rapidez ainda. Em outros casos e por um período de tempo bastante curto a soldadesca não tinha, contudo, sofrido fome porque havia encontrado: “dois vastos canaviais e em roças de abóbora e mandioca bons elementos de nutrição.” (TAUNAY, 1958:188). A abundância de alimentos era intercalada por frequentes privações, pois a má distribuição e a pouca diversidade de alimentos parece ter sido uma constante na Campanha, onde as verduras e os vegetais eram inexistentes, o que provocava a captura de animais pertencentes ao inimigo, em regiões vizinhas aos acampamentos. (BARBOSA, 2000: 19). Depois de matarem cavalos e cachorros, os soldados comiam ervas, palmitos, o couro seco assado das cangalhas, farinha, milho seco.

Não só os soldados passavam fome, também as *infelizes famílias* que moravam nas regiões invadidas e tiveram que rapidamente se deslocar para outros lugares distantes dos conflitos, sofreram violência, medo, insegurança e com a falta de alimentos e “seu único recurso foi um pedaço de carne, que lhes davam como de esmola de sua ração os soldados, quando o podiam fazer.” (GAY, 1980: 103). Milhares de famílias, longe de seus lares, diante da invasão paraguaia, obrigadas a emigrar e acampar por tempo indeterminado em locais muitas vezes distantes e desconhecidos, enfrentavam frio e fome nas beiras das matas e rios. (GAY, 1980: 108).

Os camaradas, soldados a serviço particular dos oficiais, esforçavam-se para descobrir qualquer coisa, que ao menos se assemelhasse a alimento, e certa ocasião encontraram um vegetal a que chamavam de carurú, mas que não passava de viçoso capim. Cozido, sem sal, na água pura, foi esse, durante vários dias, o sustento que disfarçou a fome canina, mas que provocou um mal-estar insuportável devido ao intumescimento do estômago e que deixou os soldados num total estado de fraqueza. (SILVA, 1924: 84). Os soldados sentiam a chamada dor da fome, conhecida quando provocava úlcera gastroduodenal com vômitos de sangue e em casos em que se consome muita carne, refeições tomadas

às pressas e carência da vitamina C na alimentação, situação comum nos anos de guerra onde as emoções, as preocupações e inquietações contínuas, produziam desarranjos digestivos, que, no decorrer do tempo, se convertiam em úlcera. (BALBACH, 1969: 371). O soldado, com um soldo miserável, não raro atrasado em até um ano, custeio que o Governo Imperial lutava com dificuldades para manter ou devido provavelmente à vontade do Comando de economizar com o pagamento dos que morreriam, foi fato fundamental para o destino da guerra. (SILVA, 1924: 109).

No depoimento de outro veterano, Antonio Maria Fragoso, porta-bandeira do 27º de Voluntários, observou-se como a alimentação era inconstante: “já fazia quatro dias que só comíamos bolachas duras e dormíamos ao relento - quando nos anunciaram que, naquele dia 24, seria distribuída carne aos batalhões que deviam fazer o reconhecimento no campo inimigo.” (OSORIO; OSORIO FILHO, 1915: 213). Dionísio Evangelista de Castro Cerqueira e Francisco Pereira da Silva Barbosa, soldados iguais a milhares de outros, deixaram relatos riquíssimos de informações e também oferecem fartas descrições sobre a alimentação distribuída nos acampamentos. Cerqueira escreveu o seguinte: “As moscas eram tantas, que difficilmente o bocado nos chegava a boca sem uma dúzia d’ellas.” (CERQUEIRA, 1929: 73). O diário de Barbosa comenta as batalhas, as marchas, os conflitos com oficiais, as doenças, a fome, bem como a situação das mulheres e das crianças paraguaias. Segundo ele, carregava-se a carne crua no embornal e na hora de cozê-la ou assá-la, se em algum sítio havia falta de lenha, o único recurso improvisado era estrume de animais, o que dava ao cozimento da carne um cheiro e sabor desagradabilíssimo. (BARBOSA, 2000: 3).

A falta de gêneros alimentícios também era bastante sentida na Armada Imperial. Inúmeros soldados marinheiros eram meninos de pouca idade, de 7 a 12 anos, que foram enviados à guerra sem treinamento algum, através de batalhões navais, sofrendo com os marinheiros mais velhos todos os horrores que uma situação bélica acarretava. Eram garotos saídos das ruas ou praticamente raptados de suas famílias, de maneira arriscada e se expuseram à morte no dia a dia dos navios e que ajudaram a

conseguir a vitória. (VENANCIO, 2006: 192-209).

A situação de subsistência dos imperiais marinheiros era mais séria que a dos soldados do Exército, pois aqueles passavam muito tempo confinados dentro de pequenos espaços de uma embarcação e na falta de alimentos tinham pouca chance de procurar se abastecer com recursos do meio ambiente, a não ser quando os navios eram obrigados por uma razão ou outra a ficar ancorados na beira dos rios e os marinheiros podiam descer procurando alimentos nas matas ou vilas próximas.

Uma situação análoga verificou-se nos acampamentos dos demais exércitos: paraguaio, argentino e uruguaio. André Rebouças relatou a situação de penúria em que viviam os soldados paraguaios, constantemente famintos, praticamente sem roupas e carecendo de todo tipo de recursos materiais. Em um dos inúmeros combates travados, observou que: "... feridos muitas vezes bem gravemente comião vorazmente farinha e carne que lhes offerciam." (REBOUÇAS, 1973: 85).

A História da Guerra do Paraguai, por muito tempo considerado palco exclusivo dos homens, quase sempre narrada como sucessão de fatos viris e heroicos, tornou a visibilidade feminina quase nula, formando um numeroso e pouco conhecido grupo (DOURADO, 2004: 38-41). Os seus feitos são narrados de forma escassa o que torna impossível saber, nem de forma aproximada, quantas mulheres seguiam seus esposos e companheiros, quantas eram as prostitutas e vivandeiros. (CARVALHO, 2008:102), quantas morreram ou quantas crianças nasceram nesse período. Mas elas aparecem, em todos os exércitos envolvidos, de vez em quando, em alguma ordem do dia, imagens, memórias, e ainda em documentos, e cartas oficiais ou privadas. Neles, o silêncio a respeito da presença feminina e sua ausência nas estatísticas, se explica em parte, pelo caráter patriarcal que caracterizava a sociedade brasileira, caráter que ainda hoje é atrelado à questão do poder e existe de forma latente. (DOURADO, 2005).

Uma fonte utilizada quando se investiga a História das Mulheres é um raro relato feminino publicado sobre as agruras que passaram as mulheres de várias nacionalidades, inclusive

brasileiras, mas principalmente paraguaias. É uma impressionante descrição sobre os dias de cativo e a fome que passaram as mulheres durante a guerra, escrito por Dorothea Duprat de Lasserre, uma francesa de 25 anos, presa e enviada a Espadin, por ordem de Solano López porque sua família havia sido executada como réus políticos, o seu crime era ser esposa de um dos organizadores da Legião Paraguaia, grupo de oposição contrária ao governo Lopez. Relatou em suas Memórias, os assombrosos martírios por que passaram milhares de mulheres consideradas traidoras, desterradas e condenadas por Lopez, a morrer de fome nos inóspitos desertos do Iguatemi: “Vivo, escrevo, porem ainda não me cabe na mente como é que ainda posso fallar das crueldades e soffrimentos de que fomos victimas.” (LASSERRE, 1893: 2). As mulheres somente sobreviveram porque, com os poucos recursos que não lhes foram tomados, compravam, a preços exorbitantes, “dos índios caiyás, sapos e rãs a 2 e 3 patações, cãesinhos a 50 e afinal asnos magros e feridos a 1.000.” (LASSERRE, 1893: 45).

Saúde, condições sanitárias e higiênicas também têm papéis importantes no estudo sobre a Guerra do Paraguai, sendo que o campo de pesquisa da história das doenças apresentou nos últimos anos expressiva expansão, na qual novos caminhos puderam ser explorados. *A peste é a maior inimiga que temos*, em ofício do mês de julho de 1865 ao Ministro da Guerra, Ângelo Muniz da Silva Ferraz, o Marechal de Campo Manuel Luis Osório, demonstrava preocupação com o estado sanitário do Exército Brasileiro. (OSORIO; OSORIO FILHO, 1915: 93).

Assumi em precárias condições no dia 1º de março de 1865, quando o General João Procópio Menna Barreto, sofrendo de *tuberculose em estado avançado*, retirou-se para o Rio Grande do Sul. (SILVA, 1924: 13). É claro que se deve considerar que a presença de enfermidades nos campos de batalha foi também o produto das extremas condições de vida, das exposições de soldados e civis ao clima, da falta de medicamentos, de alimentos, que causou desnutrição e, portanto, propensão a doenças, assim como outras carências que se impuseram durante a guerra. A aparição de pestes tampouco pode atribuir-se à casualidade. A escassa alimentação, os milhares de cadáveres insepultos, as

más condições higiênicas, a enorme quantidade de bactérias que assolavam o acampamento e campos de batalhas contribuíram para a imensa mortandade que existiu durante a Campanha. A longa lista de motivos para a expansão de enfermidades e pestes deve juntar-se ao grave dano do sistema ecológico e ao equilíbrio natural, que se efetuou com a presença de grande quantidade de pessoas que se deslocavam incessantemente pelos pântanos, pelas matas e bosques, penetrando no habitat natural dos agentes transmissores de doenças.

Uma das principais referências para o estudo das doenças do passado, especificamente as condições sanitárias na Guerra do Paraguai, são os diários dos soldados e dos viajantes, muitos dos quais personagens de suas próprias narrativas, que enriquecem o conteúdo da documentação médica porque são testemunhas oculares que vivenciaram a dor, o desespero e o medo diante da morte. Os diários escritos nos acampamentos revelam situações nem sempre anotadas pelos registros médicos, que também são fontes valiosas e descrevem um quadro minucioso dos sintomas das doenças, que muito contribuem para esclarecer certas enfermidades e possibilitam um cotejamento entre algumas questões: tratamento dos doentes, condições higiênicas e sanitárias, sintomatologia das doenças, e muitos outros problemas que o cotidiano de um acampamento militar proporciona.

Os relatos revelam que, fatigada por longas marchas, a tropa sofria com o calor excessivo, o frio intenso, com a utilização de água poluída e com a mudança completa do regime alimentar a que estavam acostumados, o que os enfraquecia e debilitava. A diarreia e a disenteria com poder devastador foram às causadoras de muitas mortes e responsáveis pela baixa de milhares de combatentes, tanto brasileiros como paraguaios, argentinos e uruguaios. Esses males grassaram durante toda a guerra com maior ou menor intensidade. (THOMPSON, 1968: 95), tendo ainda o agravante de que parte dos recrutas já chegava doente ao cenário da batalha, transmitindo e disseminando as doenças de suas cidades de origem, onde as epidemias foram frequentes em todo o período colonial. Em São Francisco e Dayman, nas proximidades de Salto, um veterano narrou: “Ahi registramos

baixas enormes, e os cemitérios atulharam-se, causava lastima, ver como a desynteria ceifava impiedosamente.” (SILVA, 1924: 27).

Mas naquela época o termo disenteria poderia significar um número muito grande de doenças, como parasitose e tifo, entre muitas outras. O mesmo veterano descreveu, corroborado por outro, algumas tentativas, que se faziam em todos os exércitos para debelar as doenças, mas que com o tempo se mostraram infrutíferas, como por exemplo: “as fumigações de todo o acampamento com folhas de louro e capim.” (THOMPSON, 1968: 164). A morte por afogamentos, suicídios, doenças venéreas, pneumonia, lepra e raios, (OSORIO; OSORIO FILHO, 1915: 360), epidemias de varíola, sarampo, impaludismo, diarreia, disenteria, tifo, cólera, sífilis, beribéri, tuberculose, insolação e febres malignas rapidamente disseminadas durante a guerra devido ao deslocamento de soldados, migrações de populações refugiadas e aos estupros da população feminina, ocasionaram uma mortandade nunca vista antes em campos de batalha e causavam mais mortes que a metralha paraguaia. (CERQUEIRA, 1929: 46).

Nos acampamentos militares e nos navios da Armada Imperial, onde conviviam milhares de homens, mulheres e crianças, tornou-se indispensável adotar medidas que garantissem as mínimas condições higiênicas. Muitos documentos indicam a preocupação das autoridades com a falta de asseio, demonstrando que já havia a percepção e o conhecimento que ligavam as condições sanitárias e as doenças, alertando para a limpeza dos respectivos acampamentos e navios. Determinavam a necessidade de enterrar diariamente a uma distância conveniente os resíduos e outros materiais suscetíveis de infecção e transmissão de inúmeras doenças, bem como a queima de todo o material usado pelos doentes coléricos, principalmente na estação quente quando as doenças eram mais aceleradas pela ação do calor. (OSORIO; OSORIO FILHO, 1915: 320).

Observações sobre as condições sanitárias das embarcações, ou dos perigos relacionados com a falta de asseio, principalmente nos transportes, são encontradas nas correspondências entre

D. Pedro II e seus ministros, acreditando-se que eles eram responsáveis em potencial pela disseminação das epidemias, já que o embarque e desembarque de passageiros entre a Corte, portos do Paraguai, Argentina e Uruguai eram frequentes.

De todas as enfermidades disseminadas durante o conflito, as que foram mais comuns nos anos de guerra, e em todos os exércitos envolvidos, a cólera e a varíola foram as que causaram mais mortes e as mais difíceis de evitar e controlar. O cruzamento da pesquisa documental, cotejando com as memórias dos veteranos em Campanha e com cartas particulares trazem revelações instigantes e curiosas e são mencionadas de forma constante e com grande intensidade.

A cólera, cólera-morbo ou mordexim é uma doença infecciosa intestinal aguda, contagiosa, em geral epidêmica, cujas manifestações clínicas variam, desde as formas inaparentes, passando por quadros caracterizados por diarreia abundante, aquosa e profusa com aspecto de água de arroz, vômitos, dor abdominal, prostração extrema até casos graves, com fortes câimbras nas pernas, costas e braços, cólicas intestinais, suores frios, com náuseas e vômitos, febre, dor de cabeça, muita sede, cianose (rosto, lábios e unhas azulados), algidez, colapso periférico, coma e morte. Há também casos leves que se manifestam com poucos sintomas, além da diarreia. Como ela é intensa, ocorrendo um grande número de evacuações líquidas por dia, pode-se imaginar como apenas um caso nos acampamentos e navios desencadearia a epidemia. Esse quadro, quando não tratado prontamente, pode evoluir para desidratação, acidose, colapso circulatório, com choque hipovolêmico e insuficiência renal. (BALBACH, 1969: 222).

Dentre as várias enfermidades que assolavam os campos de batalha e navios nenhuma delas causou mais temor que a varíola, perseguindo os soldados durante toda a Campanha contra o Paraguai. Quase não havia uma política de prevenção e vacinação que se mostrasse eficiente e capaz de evitá-las, situação extremamente difícil de resolver porque em um exército em constante movimento saber onde houve a contaminação era quase impossível. Ressaltando que numa epidemia um único

caso pode se alastrar, contaminando milhares de pessoas, e que o período de incubação de determinada doença pode variar em vários dias. A varíola (do inglês small-pox), vulgarmente conhecida como bexiga ou febre eruptiva, constituiu outrora uma das mais temíveis pestes que assolaram a humanidade, devido a sua extrema contagiosidade e alta letalidade. Em latim, a palavra *vari* significa *irrupção de botões*; *varius* são *indivíduos com o rosto recoberto de manchas*. Os acometidos tinham a face com aspecto salpicado – bariolado, variolado pela doença. (UJVARI, 2003: 129). No cenário da guerra os doentes eram levados aos hospitais em carretas cobertas de couro, deitados sobre pelego de carneiros. Contaminados de pus varioloso, ficavam disformes com a doença, o rosto enorme, inchado, e cheios de pústulas denegridas, que exalavam cheiro nauseabundo.

Outra doença que causou muitas vítimas entre os combatentes foi a malária, que é uma doença infecciosa febril aguda, caracterizada por febre alta acompanhada de calafrios, suores e cefaleia, que ocorrem em padrões cíclicos, a depender da espécie do parasito infectante. Era também conhecida por febre intermitente, febre palustre, febres, maleita ou maleitas, paludismo ou impaludismo, sezão ou sezões, sezonismo, batedeira, tremedeira, carneirada. (BALBACH, 1969: 304). Os soldados pagaram um preço elevado por entrar em terrenos alagados e não habitados pelo homem, onde tiveram contato com o agente infeccioso, terrenos estes presentes nas regiões desconhecidas do Paraguai. Doença milenar conhecida por todos os exércitos do mundo dizimou particularmente os soldados por ocasião do episódio conhecido como *A Retirada da Laguna*, cujas baixas chegaram a *quase quatrocentas por dia* (SOUZA, 1971: 68), pois a maior parte do trajeto percorrido pelos soldados era constituída por terrenos onde proliferavam os mosquitos transmissores da doença. O modo de transmissão se faz através da picada do mosquito *Anopheles*, infectada pelo plasmodium, ou seja, o parasita causador da malária reproduz-se em mosquito, e o homem a adquire ao ser picado por esses insetos, que inoculam o agente no sangue, e não há transmissão direta de pessoa a pessoa. Como o mosquito prolifera em regiões alagadas, a doença era

muito comum em tais locais e nos pântanos.

O que interessa fundamentalmente nesse contexto é entender por que apesar dos pedidos das autoridades para que se efetuasse a vacinação dos soldados ela só ocorreu de forma esporádica. Sidney Chalhoub esclareceu muitos pontos importantes para o entendimento deste trabalho, como por exemplo, a rejeição da população à vacina, pois *sentiam verdadeiro horror* (CHALHOUB, 1996: 113), enfatizados por artigos em jornais que afirmavam haver o risco de transmissão da sífilis e outras doenças através da vacinação. Ele esclarece, em sua análise, que “a vacina não garantia imunização permanente já que havia muitos casos da ocorrência de varíola em vacinados.” (CHALHOUB, 1996: 118). O método de vacinação efetuado nessa época e a forma como o serviço estavam estruturados na Corte foram responsáveis pela resistência da população e certamente muitos soldados se negavam a tomá-la apesar de existir uma ordem para se vacinarem. Os próprios vacinadores, não obedeciam ou questionavam para irem até os quartéis vacinar os recrutas que estavam de partida para o Paraguai. (VOLPATO, 1993: 72-81).

A maioria dos estudiosos que se refere ao número de vítimas de combatentes e populações civis que pereceram na Guerra do Paraguai, não só no exército aliado, mas também entre os paraguaios, concorda, ao menos, em uma coisa: que mais gente morreu como consequência das enfermidades, fome e pestes do que por ações bélicas em si. (ARQUIVO DA MARINHA, 1870). Em 100% das fontes analisadas os temas saúde e doenças mereceram destaque central, provavelmente devido ao fato de a unificação da morte atingir as diversas categorias de soldados, não poupando os oficiais de maior graduação e por isso mesmo mereciam destaque e honra, com direito a nomes e sobrenomes nas ordens do dia e em outras fontes.

A concentração de grande massa de combatentes e não combatentes exigiu a necessidade de garantir a ordem e a disciplina nos acampamentos do Exército e nos navios da Armada Imperial. A ética tem regulado a conduta dos homens através de sua evolução histórica por meio de regras, normas e valores, estabelecendo estreito vínculo entre os conceitos morais

e a realidade humana. Os chefes militares precisavam contar, a qualquer hora e em qualquer situação, com um grupo de soldados disciplinados e em condições de guerrear, sob um regime férreo, conscientes das graves sanções, algumas de aplicação imediata, a que estariam sujeitos, em caso de descumprimento dos seus regulamentos. Isso porque, diante de um inimigo, colocando em risco a própria vida e a de seus companheiros, tornou-se imperioso para os chefes militares que tivessem total controle sobre os seus exércitos.

A questão que se coloca ao historiador, que tem por objetivo a reconstituição dos crimes e das práticas punitivas ocorridas nos acampamentos do Exército e nas Esquadras Imperiais, é a de compreender por que havia um número significativo de casos de transgressões por parte tanto de simples soldados quanto de oficiais; por que muitos eram perdoados, não sendo punidos apesar das faltas cometidas, por que a justiça delineada através dos *Artigos de Guerra* (Códigos do Conde de Lippe) com seus decretos e leis não chegava de forma total aos campos de batalha e por que para um mesmo crime havia punições tão diferentes.

É importante destacar que as três forças armadas oficiais que atuaram na Guerra do Paraguai, quais sejam: Exércitos de Linha, Guardas Nacionais e Voluntários da Pátria, tinham origens em sua maior parte, em elementos não dotados de disciplina e ordem, oriundos de uma estrutura social não condizente com normas e regras, tendo grandes dificuldades em se adaptar ao cotidiano do regime militar. Apesar de a Guarda Nacional ser considerada tropa de elite, não se admitiu de forma passiva a liderança do Exército, criando inúmeros empecilhos por longos anos, devido às divergências entre autoridades civis (políticos) e militares, prejudicando e retardando o combate ao invasor paraguaio.

Diante do árduo trabalho de instruir e disciplinar, as instruções eram dadas de forma rigorosa e criteriosa na tentativa de organização do acampamento militar, mas a documentação analisada contesta essas versões, pois muitas vezes essas ordens e a própria legislação não eram obedecidas e cumpridas, consideradas *letra morta*, o que gerava grandes desentendimentos internos e externos.

Já em 1865 o General Osório narrou que “todos os batalhões que se formaram depois da declaração da guerra, foram de homens que não conheciam a disciplina militar; n’este estado iam reunir-se ao exercito.” (OSORIO; OSORIO FILHO, 1915: 45). Em carta de 20 de julho de 1866, de Corrientes, escreveu o Conselheiro Otaviano ao General Osório que eram tarefas quase impossíveis: “organizar, instruir e disciplinar um grande Exercito, composto em sua quase totalidade de homens alheios à profissão das armas.” (OSORIO; OSORIO FILHO, 1915: 45). A noção de obediência passiva, fundamento da disciplina e da hierarquia nas organizações militares foi um ideal perseguido durante toda a guerra, principalmente pelo General Caxias, que simbolizava o oficial disciplinado e disciplinador e cujo nome serviu de exemplo num dicionário nacional que a ele assim se refere “diz-se de, ou pessoa que, no exercício de sua função, exige dos subordinados o máximo rendimento no trabalho e extremado respeito às leis e aos regulamentos.” (HOUAISS, 1980: 178). Situações como essa levavam a outra: os crimes ocorridos em acampamentos militares e navios da Armada estariam diretamente relacionados com a composição humana formada na maioria das vezes de forma compulsória. Na visão do General Evangelista de Castro Dionísio Cerqueira, que combateu na guerra por cinco anos, a força militar no início do conflito “era um exército de um povo descuidado, e constituído de soldados bisonhos.” (CERQUEIRA, 1929: 21). Declaração semelhante foi dada pelo General Osório “que dizia, com abundância de fundamentos, que um exército bisonho, sem instrução, embora valente, numeroso, lançado ao inimigo sem critério nenhum, além de uma desgraça colossal para o país, representava verdadeira deshumanidade, senão crime hediondo.” (SILVA, 1924: 21). Também a esse respeito o General Caxias escreveu ao Ministro da Guerra, João Lustosa de Cunha, Marquês de Paranaguá, referindo-se aos anos anteriores à guerra, que, “por um conjunto de circunstâncias deploráveis, o nosso Exercito contava sempre em suas fileiras grandes maioria de homens que a sociedade repudiava por suas péssimas qualidades.” (DORATIOTO, 2002: 111).

Havia um enorme descompasso entre o que era fixado nas leis

e o modo como os processos eram efetivamente encaminhados e as penalidades aplicadas. Muitas vezes, os oficiais que conduziam os processos conheciam a legislação militar de forma precária e terminavam por agir de forma parcial, o que comprometia o próprio princípio de justiça que era lenta, precária e ineficiente, pois infratores que se achavam sob ação do Conselho de Guerra e do Conselho de Investigação, esperavam a sua longa deliberação, apesar das ordens para que se procedesse com a maior urgência, trabalhando constantemente dois Conselhos, um com a presença do auditor formado, outro para os crimes leves, sem aquela autoridade. Em muitos casos, soldados presos tinham que ser soltos, porque, acusados de crimes graves, como mortes, ferimentos, etc., estavam sem processo formal, e foram entregues à guarda do Exército para que se procurasse por informações nos Corpos, meios de regularizar o andamento dos papéis de acusação. Entretanto as dissoluções de muitos batalhões e as frequentes transferências das praças de um para outro Corpo, tornaram impossível tal resultado. Os acusados eram soltos, pelo princípio básico de que não pode haver pena àquele cuja culpabilidade não poderia ser provada. (TAUNAY, 1958: 29).

Observa-se bastante indulgência por parte do Imperador D. Pedro II, que interferia nos processos, mandando libertar os presos, talvez porque soubesse da precariedade no cumprimento da lei, sem haver possibilidade de se instaurar processo, pois em alguns casos não tinham culpas formadas e que, para o Imperador, alguns crimes eram de pouca importância e o tempo de prisão era castigo suficiente. (TAUNAY, 1958: 29). Portanto, não poucas vezes a decisão imperial substituiu os tribunais militares e a possibilidade de revisão das sentenças o que, para Michel Foucault, filósofo e historiador francês e um precioso analista do poder: *onde há poder e saber há resistência*. O Imperador deveria ser aquele que pune, mas jamais o que age sob o signo da vingança. (FOUCAULT, 2009).

Em geral, as três instituições oficiais lançaram mão do recrutamento forçado, buscando guardas nacionais fugidios e nas camadas populares, indivíduos classificados como vadios ou desordeiros, pobres migrantes, mendigos, em suma, aqueles que

não gozavam algum tipo de proteção, entendidos como ameaças à ordem. Ainda que houvesse outras formas de alistamento, como o voluntariado, o grande provedor de homens para serem transformados em soldados foi o alistamento compulsório. Considerando que esse alistamento destinava-se aos indivíduos marginalizados, fossem forros, homens livres pobres ou outros considerados perigosos, principalmente por estarem excluídos do que era considerado o mundo da ordem, cabe questionar qual o sentido político do recrutamento, ou seja, quais as intenções dos recrutadores ao admitir indivíduos oriundos justamente das camadas sociais que deveriam conter. Existiu um duplo sentido do recrutamento: além da necessidade de homens para preencher os quadros das instituições, que foi um problema constante ao longo de cinco anos, havia a precisão de conter essa população marginalizada que parecia tão perigosa aos olhos da elite imperial, conter e disciplinar o *mundo da desordem*. Através de Michel Foucault, é possível apreender algumas referências essenciais, pois ele visualiza, na época moderna, a ideia do processo disciplinar que age sobre o corpo e sobre as estruturas cotidianas, sendo inclusive citada a *fabricação do soldado* através da disciplina.

Em todo o território nacional havia o recrutamento de presos, que permaneciam nas cadeias até que fossem conduzidos, acorrentados, aos quartéis. As autoridades policiais, igualmente, recrutavam todos os indivíduos considerados perigosos, acusados de vadiagem. Estes eram recolhidos e obrigados a prestar serviço militar e enfrentavam também os castigos corporais que sempre existiram no Exército e na Marinha. Muitos *voluntários* foram recrutados contra sua vontade, negros libertos seguiram para a guerra acreditando numa nova vida, muitos homens lutaram, pegaram em armas entusiasmados pelas promessas do Governo Imperial. As gratificações, os soldos vitalícios e as terras prometidas eram razões que levaram esses homens aos campos de batalha, além do sentimento patriótico de alguns, de dar a vida pela Nação. De fato, o soldado imperial arrolado comumente à força para combater no Paraguai, não correspondia em definitivo à imagem ideal construída pelos oficiais superiores e pelo País. As cadeias se esvaziavam de criminosos transformados em soldados

incumbidos de defender os brios e a honra da Nação. Junto a esses criminosos vinham os negros alforriados por seus proprietários, que juntos formavam uma composição humana extremamente heterogênea e conflituosa. Por outro lado seria necessário conter a arbitrariedade e a crueldade frequentes daqueles que possuíam o comando que para manter disciplina no grupo, tornava-se necessário o tratamento pela violência. “O castigo físico era outra tradição colonial, e os códigos são copiosos em informações a esse respeito.” (SODRÉ, 1979: 132).

Sob o mesmo uniforme e enfrentado a hierarquia, o medo, a fome, as doenças, esse grupo dividia o mesmo espaço de um acampamento militar e de um navio da Armada Imperial, facilmente detectados pela iconografia da época, quando se observam as cores dos uniformes, sem distinção de condição social. (SALLES, 2003). Sem dúvida, à medida que o conflito se prolongava, reduzia-se o entusiasmo e surgiam resistências aumentando, em consequência, o recrutamento forçado.

Mas, se a força militar brasileira antes da guerra não tinha relevância para o Império, ocupando lugar dos mais secundários e absolutamente destituídos de significado na sociedade e não concedendo ao militar nenhum lugar de destaque, foi através dela e imediatamente após seu final que os militares foram recebidos pela sociedade como heróis e conseguiram uma posição que nunca tiveram anteriormente.

Ainda não houve guerra em toda a história da humanidade sem deserções e na Guerra do Paraguai não foi diferente, muitas vezes alcançando proporções alarmantes em todos os aparatos militares que compunham a Tríplice Aliança e obrigando o Governo Imperial a encontrar novas alternativas que não fossem tão rígidas para esse crime. León de Palleja, coronel uruguaio e chefe do Batalhão Florida, afirmou: “Es la vida, ratos buenos y ratos amargos, los míos son siempre la malvada deserción, gusano roedor de nuestro cuerpo.” (PALLEJA, 1960: 71). Diferentes transgressões de oficiais e praças eram punidas, legisladas através dos Artigos de Guerra, mas não aplicadas frequentemente, com a pena capital, por enforcamento ou fuzilamento. Entre elas a deserção em tempo de guerra, a covardia diante do inimigo, atacar

sentinelas, dormir ou se embriagar quando estivesse de guarda, encabeçar motim ou traição, furtar ou deixar furtar material bélico (inclusive cavalos), desobedecer às ordens superiores, usando armas ou ameaçar e ferir à traição ou matar camarada. (REVISTA DIREITO MILITAR, 2005: 28/30).

De fato, pressionado pelas condições reinantes nos acampamentos militares, o soldado fugia, atitude justificada diante da fome, dos castigos físicos e do medo da morte que as epidemias provocavam aos milhares. Padre Gay, testemunha ocular da invasão paraguaia, relata situações de desespero em que se encontravam os soldados e o que provocava a fuga. (GAY, 1980: 130). Soldados cansados e debilitados, muitos com pés esfolados e sangrando, devido às longas caminhadas, eram obrigados pelos oficiais de espada em punho a transportar os doentes, mas contestavam as autoridades, aumentando a indisciplina entre eles e influenciando na desorganização hierárquica, situação que chegou ao extremo de se abandonarem os colegas atacados de cólera-morbo. (TAUNAY, 1952: 113).

As deserções e constantes fugas não prejudicavam somente na diminuição nos contingentes, também havia o contágio e a disseminação de inúmeras doenças. (SCHNEIDER, 1945: 37). As penalidades variavam de prisão simples, entre outros, mas não se verificou em nenhum caso a sentença de morte, apesar de estar prevista nos *Artigos de Guerra*. Provavelmente se ele fosse cumprido com muito rigor o efetivo militar ia diminuir muito, desfalcando os batalhões. Em todo o exército aliado desde os primeiros momentos da guerra se produziram cenas de covardia, medo e fuga diante do inimigo. Benjamin Constant, em carta ao pai, relatou um episódio que presenciou, fazendo graves críticas aos: “Oficiais que se escondem atrás dos paus e até fazem buracos no chão para esconder-se nos dias de combates e bombardeios (temos muitos aqui entre nós, Drago, por exemplo) outros que nem vem cá.” (LEMOS, 1999: 92).

Num processo instaurado contra alguns Imperiais Marinheiros acusados de covardia e descumprimento de ordens, constavam as faltas no Auto de Investigação, assinado por Melcíades Augusto de Azevedo Pedra, Auditor de Guerra do

Exército (servindo interinamente na Marinha), que procedeu à inquirição de testemunhas e interrogatórios, referentes à abordagem que sofreu a canhoneira Parnaíba, em combate naval de 11 de junho de 1865, do qual resultou a culpabilidade de falta de cumprimento de ordens e a covardia de alguns oficiais. O Conselho de Investigação absolveu o comandante e oficiais por falta de provas. (ARQUIVO DA MARINHA, 1867: 2-3).

Cerqueira também descreveu muitos casos de covardia que, para os *Artigos de Guerra*, deveriam receber a penalidade máxima. Houve o caso de um tenente que tinha a habilidade de se eclipsar nos dias de combate, “jamais tinha tomado parte em ação de guerra. Davam-lhe náuseas e febre o troar do canhão e o crepitar da fuzilada, causavam-lhe vertigens o reluzir das baionetas e o coriscar das lanças.” (CERQUEIRA, 1929:158).

Alguns comandantes eram demasiadamente prudentes, tinham medo de provocar o inimigo, atitude que aos olhos da soldadesca era sinal de covardia. “Vi acocorado atrás de uma casa de cupim um tenente, escondido da linha de fogo.” (CERQUEIRA, 1929:164). Comentando essas situações, ele citou o amigo Fernando Machado, que dizia: “Medo, todos, mais ou menos, tem, mas quem tem brio, não o mostra a ninguém.” (CERQUEIRA, 1929: 111).

Em Itororó e Avaí, o General Caxias relatou ao Ministro da Guerra, Muritiba, que assistiu a *muitos atos vergonhosos*, e foi necessário “que eu abandonasse minha posição de General em Chefe para conduzir ao fogo e a carga batalhões inteiros, e Corpos de cavalaria, que ainda assim nem todos chegaram às fileiras inimigas. Muitos soldados brasileiros perderam a vida em decorrência da “indisciplina, tibieza dos Corpos que comandavam.” (DORATIOTO, 2002: 366). Foi preciso que Caxias, que parecia ter recuperado a energia e o *fogo dos vinte anos*, ao passar pela tropa que resistia a combater, desse voz *de firme* e se arrojasse sobre aquela posição, exclamando, de espada desembainhada, “sigam-me os que forem brasileiros.” (CERQUEIRA, 1929: 274).

Os crimes sem solução eram frequentes nos campos de batalha. Assassinatos e roubos dificilmente eram solucionados devido à

própria dinâmica de um acampamento militar, onde muitas vezes imperava a desorganização, com ordens descontraídas e não cumpridas. Irregularidades no serviço, insubordinação, roubos e extravios, recusa para acompanhar o seu comandante, são termos comuns nos documentos analisados, não ficando claro em muitos casos o que se quis dizer e não especificando exatamente qual falta foi cometida pelos soldados, mas que sofreram penalidades como prisão na barraca, o assentamento na nota em sua fé de ofício e a expulsão das fileiras do exército. (CERQUEIRA, 1929: 24).

Naquela época era uma desonra ficando, os que assim procediam marcados para o resto da vida. As controvérsias existentes entre os chefes eram constantes, conflitantes e prejudiciais. Várias vezes a ordem de um comandante era anulada por outro, não sendo em muitos casos aplicada penalidade nenhuma. Tudo leva a crer que muitas vezes os chefes não se baseavam nas leis, aplicando penalidades conforme a sua própria interpretação. Esse artigo é uma análise vista através da História Social e que procura dar visibilidade em grande parte aos soldados de pré e marinheiros imperiais, a maioria absoluta dos contingentes do Exército e da Marinha.

Referências bibliográficas

ARQUIVO DA MARINHA. *Relatório do Ministério e Secretaria de Estado da Marinha*, 1870.

ARQUIVO DA MARINHA. *Arquivo do Almirante Tamandaré*. Livro IX. Doc. 769 e 770, p. 2-3, 1867.

BALBACH, Alfons. *A flora nacional da medicina doméstica*. São Paulo: Edições a Edificação do Lar, 1969, vol. I.

BARBOSA, Francisco Pereira da Silva. *Diário da Campanha do Paraguai*, 2000. Disponível em <<http://www.geocities.com/evidalb2000/vidacivil.html>> Acesso em abril de 2009.

CARVALHO, Maria Meire de. *Vivendo a verdadeira vida: vivandeiras, mulheres em outras frentes de combate*. Brasília: UnB, 2008. (Tese de Doutorado).

CERQUEIRA, Evangelista de Castro Dionísio. *Reminiscências da Campanha do Paraguai, 1865-1870*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1929.

CHALHOUB, Sidney. *Cidade febril: Cortiço e epidemias na Corte Imperial*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

DORATIOTO, Francisco Fernando Monteoliva. *Maldita Guerra: nova história da Guerra do Paraguai*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

DOURADO, Maria Teresa Garritano. Tropas femininas em marcha. *Revista Nossa História*, Ano 2, n° 13, p. 38-41, novembro 2004.

_____. *Mulheres comuns, senhoras respeitáveis: A presença feminina na Guerra do Paraguai*. Campo Grande, MS: UFMS, 2005.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir*. Petrópolis: Editora Vozes, 2009.

GAY, cônego João Pedro. *Invasão Paraguaia na fronteira brasileira do Uruguai*. Porto Alegre: Instituto Estadual do Livro, 1980.

GOMES, Marcelo Augusto Moraes. *A espuma das províncias: um estudo sobre os inválidos da pátria e o asilo dos inválidos da pátria, na corte (1864 -1930)*. FFLCH/USP. São Paulo, 2006. Tese (Doutorado em História).

HOUAISS, Antônio. *Pequeno dicionário enciclopédico*. Rio de Janeiro: Larousse do Brasil, 1980.

LASSERRE, Dorothea Duprat de. *Memórias de Mme. Dorothea Duprat de Lasserre*. Versão e notas de J. Arthur Montenegro. Rio Grande: Livraria Americana, 1893.

LEMOS, Renato. (Transcrição, organização e introdução). *Cartas da Guerra – Benjamin Constant na Campanha do Paraguai*. Rio de Janeiro: IPHAN/6ª SR/ Museu Casa de Benjamin Constant, 1999.

OSORIO, Joaquim Luis; OSORIO FILHO, Fernando Luis. *Historia do General Osorio*. Pelotas, RS: Typografia do Diario Popular, 1915, vol. II.

PALLEJA, León. *Diário de la campaña de las fuerzas aliadas contra el Paraguay*. Montevideo: Impresora Uruguia, 1960 (Tomo I).

REBOUÇAS, André. *Diário: Guerra do Paraguai (1866)*. Introdução e notas de Maria Odila Silva Dias. São Paulo: Instituto de Estudos avançados da Universidade de São Paulo, 1973.

REVISTA DIREITO MILITAR. Centro de Estudos de Direito Militar. Santa Catarina, v. 52, p. 28/30, mar./abri., 2005. Disponível em <[http:// www.Cesdim.org.br](http://www.Cesdim.org.br)>

SALLES, Ricardo. *Guerra do Paraguai: memórias & imagens*. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 2003.

SCHNEIDER, Louis. *A Guerra da Tríplice Aliança*. (Império do Brasil, República Argentina e República Oriental do Uruguai) contra o Governo da República do Paraguai (1864-1870). Traduzido do alemão por Manoel Tomás Alves Nogueira. Anotado por José Maria da Silva Paranhos. São Paulo: Edições Cultura, 1945, vol. II.

SILVA, Francisco Manuel Barroso da. ARQUIVO DA MARINHA, *Arquivo do Almirante Tamandaré*. Livro 7, 1865, doc. 489.

SILVA, José Luiz Rodrigues da. *Recordações da Campanha do Paraguai*. São Paulo: Companhia Melhoramentos de São Paulo, 1924. SODRÉ, Nelson Werneck. *A História Militar do Brasil*. 3. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979.

SOUZA, Luiz de Castro. *A Medicina na Guerra do Paraguai*, Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 1971.

TAUNAY, Alfredo D'Escagnolle. *A Retirada da Laguna*. São Paulo: Edições Melhoramentos, 1952.

_____. *Diário do Exército, 1869-1870*. De Campo Grande a Aquidabã a Campanha da Cordilheira. São Paulo: Edições Melhoramentos, 1958.

_____. *Memórias*. São Paulo: Edições Melhoramentos, 1946.

THOMPSON, George. *Guerra do Paraguai*. Tradução Homero de Castro Jobim. Rio de Janeiro: Conquista, 1968.

UJVARI, Stefan Cunha. *A História e suas epidemias: a convivência do homem com os microorganismos*. Rio de Janeiro: SENAC Rio de Janeiro, 2003.

VENANCIO, Renato Pinto. Os aprendizes da Guerra. In: DEL PRIORE, Mary (Organizadora). *História das crianças no Brasil*, 5. ed., São Paulo: Contexto, 2006.

VOLPATO, Luiza Rios Ricci. *Cativos de sertão: vida cotidiana e escravidão em Cuiabá (1850-1888)*. São Paulo: Marco Zero, 1993.